



HOMEM COM H: UMA ETNOGRAFIA SOBRE OS HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS - HSH NA CIDADE DE FORTALEZA

Adriano Henrique Caetano Costa¹

Ao longo dos 25 anos da epidemia do HIV/Aids, mais precisamente no final dos anos 1990, foram elaboradas políticas públicas específicas que destacam a luta contra o preconceito como prioridade e como estratégica para o enfrentamento. Nestas pode-se destacar algumas populações prioritárias², numa perspectiva de ações direcionadas a populações consideradas mais vulneráveis³. Dentre estas, destacaremos a referência aos “gays e outros HSH”⁴.

A população de “gays e outros HSH” nos remete a uma diferença entre homens que fazem sexo com homens (HSH) que não necessariamente se identificam com a identidade homossexual, então não estariam incluídos na categoria de gays. E como é considerada uma população prioritária, então se faz necessário ações específicas com esse segmento. Para os gestores as organizações da sociedade civil que já trabalhavam com questões de direitos humanos para os homossexuais masculinos teriam uma facilidade em trabalhar prevenção das DST/HIV/Aids, por já estar trabalhando com populações vulneráveis, possibilitando assim, a parceria entre Estado e ONG LGBTT⁵.

No Ceará a atuação do Grupo de Resistência Asa Branca – GRAB, na luta pelos direitos humanos da população LGBTT realizando diversas ações na área da prevenção as DST/HIV/Aids

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). adrianohcaetano@yahoo.com.br

² As populações prioritárias, como por exemplo, crianças, adolescentes e jovens; mulheres; redução de danos, etc. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/>>. Acesso em 26 ago 2009.

³ O uso do termo vulnerabilidade associado às questões de saúde emerge na década de 1990 a partir da análise do impacto ocasionado pela epidemia de Aids em nível mundial. Com o intuito de construir diferentes caminhos para as políticas de prevenção, Mann et al. (1992) desenvolveram uma estrutura conceitual para avaliar criticamente a vulnerabilidade à infecção pelo HIV. Ayres et al. (1997) resumem essa conceituação como sendo a capacidade de produção de conhecimento em relação às possibilidades de determinados grupos ou indivíduos estarem suscetíveis à infecção, adoecimento ou morte pelo HIV/Aids, considerando-se a realidade dos aspectos sociais e individuais nos quais se inserem e os recursos para o enfrentamento dos riscos de exposição à doença.

⁴ BRASIL. Ministério da Saúde. Populações prioritárias. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMIS7D642381PTBRIE.htm>>. Acesso em 26 ago 2009.

⁵ Sigla que despona, majoritariamente em ONGs e associações de militância pela diversidade sexual, designando Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Durante muito tempo a sigla prevalecte foi GLBT, mas nos últimos anos percebe-se, no interior do movimento político homossexual, a adoção do L como primeira letra para “dar visibilidade” à reivindicação das lésbicas. Esta foi uma decisão aprovada durante a I Conferência Nacional para Políticas Públicas LGBTT, no período de 05 a 08 de junho de 2008 em Brasília/DF. Essa mudança institucional, bem como uma permanente discussão sobre a inclusão dos bissexuais como grupo, reflete o caráter negociado e em disputa dos diversos grupos identitários abrigados sob o rótulo “movimento da diversidade sexual”.



na cidade de Fortaleza e no Estado do Ceará⁶. Das diversas atividades realizadas pela organização escolhi para análise, nesse artigo, as ações de intervenção do Projeto SAGAS⁷. Antes de descrever as ações de intervenção, vou situar a categoria HSH no seu contexto de origem.

Sociogênese de uma categoria: HSH em questão

O enfrentamento ao vírus HIV acarretou um deslocamento nos discursos a respeito da sexualidade e desde então os discursos priorizam menos às identidades e se concentram mais nas práticas sexuais, como por exemplo, a prática do sexo seguro (LOURO, 2004). Assim, o Estado se esforça em regular, controlar e normalizar essas práticas sexuais.

Neste contexto a categoria HSH é uma construção que prioriza a prática, no lugar da discussão sobre identidade. As primeiras instituições americanas começaram a usar o termo a partir do ano 2000 nos Estados Unidos da América (GOSINE, 2008). Nos anos 1990, militantes e profissionais de saúde, preocupados/as com o grande impacto das DST na população homossexual, criaram o termo HSH como alternativa para homens que se identificavam como “gays” ou “bissexuais”. Na época, isso foi um gesto, uma recusa decisiva dos discursos dominantes sobre orientação e comportamento sexuais transmitidos por organizações lideradas por homens brancos, que se identificavam como gays. Andil Gosine (2008) nos relata esse início:

As organizações de homens não-brancos que viviam nas cidades ocidentais insistiam em afirmar que havia outras maneiras nas quais a sexualidade estava organizada e outros meios de expressar identidades sexuais. Grupos como o Projeto Naz de Londres assinalavam que muitos homens não-brancos que praticavam atos homossexuais não se conectavam às expressões dominantes da cultura gay metropolitana euro-americana e, conseqüentemente, estavam sendo ignorados nas estratégias de educação e promoção da saúde sexual. Os HSH também recusavam a vinculação de identidades a doenças e a atenção focada nos atos sexuais. Isso foi uma maneira de falar sobre a prática do sexo seguro sem comprometer os clientes com identidades fixas e culturalmente específicas (“gays”, “bissexuais”, etc.) e sem invocar discursos moralizantes⁸.

Portanto, a categoria HSH é entendida, para os militantes e profissionais de saúde americanos, como um termo “politicamente neutro”, operando como um acordo entre as maiores agências internacionais de desenvolvimento e os Estados para que a identificação dos HSH, como um grupo alvo para controlar o HIV/Aids, não comprometa nenhum dos lados com uma conversa

⁶ De 1995 a 2010, o GRAB realizou Projetos continuados na área da Prevenção e da Cidadania (Projetos: Homens, Entre Nós, Entre Bis e de Travestis), junto à população de gays, bissexuais, trabalhadores do sexo e transgeneros, em parceria com o PN DST/Aids do Ministério da Saúde e as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, em Fortaleza e 15 outros municípios do Ceará.

⁷ O Projeto SAGAS realizado pelo GRAB, em parceria com a Fundação Schorer, tem como objetivo trabalhar a prevenção das DST/HIV/Aids junto com jovens gays e HSH com idade entre 15 e 29 anos, na cidade de Fortaleza, no período de 2007 a 2010.

⁸ GOSINE, Andil. “Raça”, cultura, poder, sexo, desejo e amor – inscrevendo os “homens que fazem sexo com homens”. In: Questões de Sexualidade – Ensaios transculturais. Rio de Janeiro: ABIA, 2008, p: 71.



mais ampla sobre seus “estilos de vida” ou direitos – que são reivindicações relacionadas aos homens gays e não aos HSH. Assim, referências aos HSH aparecem atualmente nos Planos Nacionais de Aids negociados com o Banco Mundial⁹.

Nesse contexto euro-americano se percebe um recorte da categoria HSH perpassando as questões de raça, classe, cultura e poder. Em outro contexto, como por exemplo a cultura sexual brasileira, Parker (1991) percebe outros tipos de sociabilidade erótica, onde dentro de quatro paredes “tudo pode acontecer”, ou ainda, “abaixo do equador tudo é permitido”, onde as questões referentes a raça não estão no centro do debate. A sexualidade no contexto brasileiro seria muito mais fluida do que a sexualidade demarcatória americana. *A sociabilidade dessas pessoas gira em torno da sexualidade, da paquera, das conquistas que se sucedem sem se realizar para além dos encontros sexuais* (SIMÕES, 2007: 60). Desse modo, é possível um homem fazer sexo com outro homem e não ser, ou não se identificar, enquanto homossexual, seja ele branco, negro ou pardo.

Como mostra Peter Fry (1985), o modelo de relacionamento sexual “homoerótico” clássico no Brasil é um modelo “popular” ou “hierárquico”, no qual os parceiros se classificam pela sua posição no intercuro sexual. Esse modelo, mais conhecido nas sub-culturas sexuais populares de “bicha/bofe”, ativo másculo *versus* passivo efeminado, a partir da década de 1980, entra em concorrência com outro, “moderno” ou “igualitário”, onde a bicha efeminada e “passiva” não mais se submete perante o bofe viril e “ativo”, mas a um sujeito assumido como “homossexual”. Nesse último, eles se relacionam de igual para igual o modelo “gay/gay”. Esse modelo “igualitário” tem uma referência ao estilo mais homogêneo de homossexualidade aglo-saxão, onde todos são igualmente gays independentemente da posição nas práticas sexuais.

No modelo hierárquico, mais visível no nordeste brasileiro devido às questões históricas, culturais e sociais¹⁰, é possível notar uma compreensão sobre as práticas homossexuais de um modo bastante particular. Podemos perceber como os representantes das organizações LGBTT se apropriam desse modelo: *a partir do momento em que, sendo homem, mesmo adepto de práticas homossexuais, considera-se heterossexual, desde que em suas atitudes não exerça comportamentos femininos e numa relação sexual com outro homem desenvolva o papel de “ativo”* (CASTRO, 2008).

⁹ Como, por exemplo, no Brasil o “Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de Aids e das DST entre gays, HSH e Travestis”.

¹⁰ Para maior aprofundamento sobre a temática vide ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino*. Macéio: Ed. Catavento, 2003.



O que podemos indagar nessa citação é que *grupos masculinos de diferentes idades se identificam como HSH*, a questão é: se eles se identificam? ou são os representantes das ONGs que os identificam nessa categoria? a partir da concorrência de editais de prevenção para a população de HSH. Para os gestores de saúde a categoria HSH é uma estratégia epidemiológica que se supunha contemplar a especificidade do contingente de homens que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo e não se reconheciam como homossexuais. De outra parte, a categoria HSH recebeu críticas do ativista e fundador do Grupo Gay da Bahia - GGB, Luiz Mott (2000: 14), para quem o termo “não sensibiliza nem os “homens” que transam com gays e travestis, que não consideram seus parceiros “homens”, mas “bichas”, deixando de atingir igualmente boa parcela das próprias “bichas e travestis”, que não se identificam como “homens”. Nessa discussão Simões (2007) nos ajuda a compreender que:

Um problema com a categoria HSH é dissolver a questão da não-correspondência entre desejos, práticas e identidades numa formulação que recria a categoria universal “homem” com base na suposta estabilidade fundante do sexo biológico, ao mesmo tempo que permite evocar as bem conhecidas representações da sexualidade masculina como inerentemente desregrada e perturbadora ¹¹.

Diante desse quadro, muitas vezes, caótico em que se encontra a categoria HSH, num confronto entre desejos, práticas e identidades. Como podemos situa-lá no debate de política pública de prevenção? A partir da experiência do movimento homossexual utilizando como metodologia nas ações de prevenção, “educação entre pares”, referendadas nas pesquisas do pedagogo Paulo Freire. Essa metodologia tem como base que o reconhecimento e as socializações dos sujeitos ocorre a partir do engajamento e pertencimento ao grupo de acordo com o gênero, raça, classe e orientação sexual.

Como pode ser realizada uma ação de intervenção com essa metodologia com um grupo que não tem pertencimento, engajamento e nem reconhecimento?

Notas sobre um Projeto em andamento

Com o questionamento do parágrafo anterior, Como pode ser realizada uma ação de intervenção com essa metodologia com um grupo que não tem reconhecimento identitário? Fui iniciando um trabalho de observação sistemática das atividades de intervenção do Projeto SAGAS na SER I¹².

¹¹ SIMÕES, Júlio A; CARRARA, Sergio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: SIMÕES, J. A; MISKOLCI, R. Cadernos Pagu. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu, n. 28. Universidade Estadual de Campinas/ São Paulo, 2007, p: 94.

¹² Fortaleza estar distribuída administrativamente em seis grandes Secretarias Executivas Regionais – SER.



Dos bairros que compõem a SER I o Projeto selecionou o Vila Velha e o Jardim Iracema, pois julgaram importantes no sentido de apresentarem espaços de sociabilidade de jovens homossexuais e/ou HSH. Assim, durante o ano de 2009 acompanhei os jovens por esses bairros.

Dessa primeiras notas etnográficas o que podemos logo destacar, por exemplo, quando os monitores citava para os jovens que o público do projeto, além de gays tinha também os HSH causava surpresa, pois durante esse período nenhum jovem abordado conhecia essa categoria e era constantemente traduzida por eles como os *boys*¹³, homens que fazem sexo com homens para os jovens são os *boys* e segundo eles “*é só o que tem, mas eles jamais iriam dizer que eram para qualquer pessoa*”.

Os jovens que foram abordados acharam o nome engraçado e repetiam: “*homens que fazem sexo com homens é um nome bonito para os boysinhos daqui.*” Tentando ainda entender essa categoria um jovem perguntou para o monitor, *se uma pessoa que tem uma mulher, tem filho e de vez em quando tem relação com homem é homem que faz sexo com homens?* depois da pergunta fez uma ressalva de que não era ele, e sim o primo dele. Depois os monitores ficaram comentando que, na verdade, nessa história o protagonista era ele mesmo. Para esse jovem a “norma” é a heterossexualidade. É, nesse contexto, que se coloca a idéia obrigatória do “papel passivo” da homossexualidade efeminada *versus* masculinidade virilizada.

Ratificando essa modelo hierárquico, observamos também, uma entrevista feita com um jovem de 23 anos que quando perguntado sobre *sua orientação sexual, como se define?* A resposta é direta “*eu sou gay passivo*”. Nesse caso, apenas se identificar enquanto gay não é o bastante é necessário uma ênfase no papel sexual que ele exerce na relação, no caso, da passividade. Dessa maneira, o modo de conceitualização das relações sexo-gênero permite alguns homossexuais masculinos reproduzir a “norma” de gênero heterossexual, binária e hierarquizada, e mesma de exprimi-la de forma exacerbada, a partir da adoção de uma virilidade, como do jovem que pergunta se um homem casado que se relaciona ocasionalmente com outro homem é HSH, ou a adoção de uma efeminização e passividade como no caso do jovem que diz: *sou gay passivo*.

Na tentativa de compreender as masculinidades, o sociólogo Daniel Welzer-Lang, nos mostra “que os homens estão longe de ser um grupo ou uma classe homogênea, e isso que faz deles um grupo social, uma classe não é suficiente para dar conta das relações entre eles” (WERZER-LANG, 2004), os homens seriam uma classe não homogênea, e é exatamente isso que possibilita a experiência HSH. O autor parte de uma pesquisa realizada na prisão, onde ele vai chamar de “casa-

¹³ Segundo Trindade (2004), este é um termo bastante usado pelos gays para se referir a um garoto de programa. Muitos se anunciam como *boys* de programa em *sites* e anúncios de jornais.



dos-homens”, “entre homens presos e entre presos e guardas do sexo masculino. Logo o autor percebe que as relações sociais e eróticas homem/homem são estruturadas conforme a imagem hierarquizada das relações homem/mulher.

Nesse contexto, o abuso apresenta-se como operador hierárquico que ao mesmo tempo sustenta e gera a divisão homófoba entre homens, e sobretudo entre os chefões, cuja virilidade é irrefutável, e outros detentos estigmatizados como “sub-homens”, entre eles os homossexuais e todos os que apresentam sinais de fraqueza ou que são vistos como “efeminados” e consideráveis passíveis de abuso (os jovens, os fracos, os drogados, os travestis etc.)¹⁴.

No Brasil, o estudo de Da Matta (1997), sobre o exercício da masculinidade dos rapazes de uma cidade do interior, o autor fala dos rituais inerentes à construção de “ser homem”, e das dúvidas e incertezas da confirmação de “não ser mulher” e “nem ser veado”. Assim, o masculino não funciona somente como o pólo oposto do feminino, mas também necessita da confirmação e da validação de outros homens, já que nada garante sua confirmação para todo sempre. Isso por si só, como aponta Vale de Almeida (1995), já traz indícios de uma masculinidade sempre em negociação, ou seja, sempre passível de refutação e/ou confirmação por parte dos outros, na qual os atributos de comportamento precisam ser constantemente avaliados, negociados e lembrados.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino*. Macéio: Ed. Catavento, 2003.

ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de Si: uma representação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim do Século, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. Populações Prioritárias. Disponível em:

<<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMIS7D642381PTBRIE.htm>>. Acesso em 26 ago 2009.

_____. Ministério da Saúde. *Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de Aids e das DST entre gays, HSH e Travestis*. Brasília: Programa Nacional de DST/Aids - Ministério da Saúde, 2008.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: *O Corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CASTRO, Camila. *Juventudes, Vulnerabilidades e Interação Preventiva: notas sobre um projeto em andamento*. In: *Juventudes homossexuais e sexualidades: comportamentos e práticas*. Fortaleza: GRAB, 2008.

¹⁴ WELZER-LANG, Daniel. Os Homens e o Masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004, p: 118.



- DaMATTA, Roberto. Tem pente ai?: reflexões sobre a identidade masculina. In: Caldas, Dário (Org). *Homens*. São Paulo: SENAC, 1997.
- FRY, P; & MACRAE, E. *O Que é Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- GOSINE, Andil. “Raça”, cultura, poder, sexo, desejo e amor – inscrevendo os “homens que fazem sexo com homens”. In: *Questões de Sexualidade – Ensaios transculturais*. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MANN, J. et. al. *A Aids no Mundo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- MOTT, Luiz. *A cena gay de Salvador em tempos de Aids*. Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 2000.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões – a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 1991.
- SIMÕES, Júlio A; CARRARA, Sergio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: SIMÕES, J. A; MISKOLCI, R. *Cadernos Pagu*. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu, n. 28. Universidade Estadual de Campinas/ São Paulo, 2007.
- TRINDADE, José Ronaldo. Construção de identidades homossexuais na era Aids. In: UZIEL, A. P; RIOS, L. F; PARKER, R. (Orgs). *Construções da Sexualidade*. Gênero, identidade e comportamento em tempos de aids. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004.
- WELZER-LANG, Daniel. Os Homens e o Masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.